

Cinco cones funerários egípcios no Museu Nacional de Arqueologia¹

Luís Manuel de Araújo*

Resumo

Entre os cerca de 560 objectos da colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, existem alguns que foram doados pela prestigiada família Palmela. Os duques de Palmela tornaram-se famosos pelo seu amor à arte e a sua protecção mecenática às actividades culturais, e é ao quinto duque, D. Domingos de Sousa Holstein Beck, que se devem importantes doações ao Museu. É justamente o caso dos cinco cones funerários que são objecto do nosso texto. Os cones funerários são em terracota e foram modelados num período histórico que se situa entre os séculos XV e VII antes da nossa era, ou seja, da XVIII à XXVI dinastia.

Résumé

Parmi les 560 objets de la collection d'antiquités égyptiennes du Museu Nacional de Arqueologia, à Lisbonne, il y en a certains qui ont été donnés par la prestigieuse famille Palmela. Les ducs de Palmela sont devenus fameux pour leur

¹ Este artigo corresponde à tradução revista e ampliada de um original em língua francesa que foi apresentado como comunicação na conferência do CIPEG (sigla do Comité Internacional para a Egiptologia) que teve lugar em Budapeste, Hungria, entre 21 e 24 de Maio de 1992, no Szépművészeti Museum (Museu Nacional de Belas-Artes de Budapeste), com o título de "Cinq cônes funéraires de la Collection d'Antiquités Égyptiennes du Museu Nacional de Arqueologia, Lisbonne". O CIPEG é constituído por egiptólogos de vários países ligados a museus que possuem colecções de antiguidades egípcias, e que neles trabalham como directores, conservadores ou investigadores. A presença do autor deste artigo na referida Conferência foi possível graças a um subsídio concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian.

* Investigador externo do Museu Nacional de Arqueologia. Assistente do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental). Rua Prof. Doutor Virgílio Machado, 10, 7.º, esq., P - 2745 Queluz, Portugal.

amour de l'art et leur protection mécénique aux activités culturelles, et c'est au cinquième duc, D. Domingos de Sousa Holstein Beck, qu'on doit les dons importants au Musée. C'est justement le cas des cinq cônes funéraires qui sont l'objet de notre texte. Les cônes funéraires sont en terre cuite et ont été modelés dans une période historique qui se place entre le XVe et le VIIe siècle avant notre ère, c'est-à-dire, de la XVIII à la XXVI dynastie.

Uma das catorze unidades expositivas em que, de acordo com um critério temático-cronológico, foi organizada a exposição de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, é consagrada aos cones funerários. O acervo egípcio do Museu, que tem mais de quinhentas peças, possui cinco cones funerários e na unidade respectiva ficaram expostos quatro. O quinto cone encontra-se nas reservas da colecção².

Os cones funerários são objectos de forte carga simbólica, porque estão ligados a propósitos de solarização do defunto, tendo sido produzidos durante cerca de mil anos: desde o Império Médio (finais da XI dinastia, cerca de 2100 a.C.) até à Época Baixa (XXVI dinastia, séculos VII-VI a.C.). Graças aos nomes dos proprietários e respectivos títulos neles inscritos, os cones funerários constituem excelentes documentos para termos um melhor conhecimento da prosopografia e titulatura dos funcionários da região tebana durante o Império Novo, Terceiro Período Intermediário e a Época Baixa. Os muitos exemplares encontrados em Tebas Ocidental, Ermant, Nagada e Abidos, entre outros locais do Médio Egipto (Eggebrecht, 1977) fazem com que praticamente todas as colecções egípcias, públicas ou privadas, os possuam. No caso do nosso país, eles integram o acervo do Museu Nacional de Arqueologia, tendo sido doados pela família dos duques de Palmela.

Os duques de Palmela notabilizaram-se, entre outros predicados, pelo facto de serem grandes coleccionadores de obras de arte e de revelarem um apreciável pendor mecénático em relação às actividades culturais. Desde o primeiro duque de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), que aos 21 anos de idade já era embaixador de Portugal em Roma, vindo mais tarde a tornar-se ministro dos Negócios Estrangeiros e primeiro-ministro de diversos governos liberais da primeira metade do século XIX, que a aristocrática família foi colecionando obras de arte e antiguidades, contando-se entre estas alguns objectos

² O projecto museológico distribuiu as peças seleccionadas para exposição por quatro salas, ocupando assim um espaço maior do que o anteriormente designado por "Sala do Egipto", encerrada em 1980. Ver a propósito Araújo (1989).

egípcios (*Dicionário Ilust.*, p. 78)³. Infelizmente não se conhece a forma como a família Palmela obteve os cones funerários que são o tema deste artigo. Os arquivos da família não possuem qualquer documento a este respeito e a fonte mais à mão é uma lista manuscrita incompleta elaborada por uma antiga conservadora do Museu Nacional de Arqueologia que refere um total de 84 peças⁴.

Ao contrário do que possa parecer, devido ao seu característico aspecto e formato, os cones não eram selos destinados à gravação dos textos que neles figuravam. Segundo Arne Eggebrecht eles podem ser considerados como símbolos solares, onde o nome do defunto se preservaria eternamente. Existem diferentes modelos de textos inscritos nos cones, quer na apresentação gráfica quer no conteúdo. A apresentação gráfica pode ser feita na horizontal (que é a maioria dos casos) ou na vertical (como ocorre no cone de Amenemheb, presente na colecção). Quanto ao conteúdo, os textos exibem geralmente o nome do proprietário do túmulo e os seus títulos, podendo por vezes figurar o nome da esposa e dos pais (Eggebrecht, 1977; Stewart, 1986; David, 1980; Seipel, 1989). Desta maneira, e atendendo à força mágica e profiláctica que se julgava existir na palavra escrita em materiais destinados à eternidade, as formas onomásticas presentes nos cones seriam preservadas e solarizadas, até porque o aspecto arredondado do espaço onde eram gravados os textos reforçavam essa conotação solar⁵.

³ O segundo duque de Palmela, de seu nome D. Domingos de Sousa Holstein Beck (1818-1864), adquiriu, em 1840, o palácio do marquês de Angeja, onde hoje é o Museu Nacional do Traje. Nesse palácio encontrava-se uma múmia egípcia da qual Madalena Braz Teixeira (1985) nos dá notícia. Ver ainda Madalena Braz Teixeira (1988) e cf. Luís Manuel de Araújo (1990). O quinto duque de Palmela, também chamado D. Domingos de Sousa Holstein Beck, neto da duquesa D. Maria Luísa (1841-1909), senhora de reconhecidos dotes artísticos e filantrópicos, tornou-se conhecido como grande colecionador de arte, e a ele e seus descendentes se devem importantes doações de objectos egípcios ao Museu Nacional de Arqueologia. Entre esses objectos figuravam os cinco cones funerários que neste artigo se apresentam, sendo de sublinhar que entre as peças doadas encontravam-se ainda dois sarcófagos, os quais decoravam anteriormente o atelier de D. Maria Luísa, terceira duquesa de Palmela, segundo informação que colhemos directamente de um seu bisneto, D. Manuel Holstein Beck.

⁴ Os arquivos da família estão confiados ao senhor D. Manuel Holstein Beck, que solitamente nos prestou todos os esclarecimentos que pretendíamos. Agradecemos também as informações dadas pela Dra. Maria de Lourdes Amorim. Quanto à lista manuscrita existente nos arquivos da colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, ela foi elaborada em 1984 na sequência de uma tentativa de estudo da colecção egípcia então feita por Maria Amélia Pereira Bubner. Trata-se de uma relação manuscrita dos materiais pertencentes ao antigo "núcleo 984.303 - Núcleo Duque de Palmela", sobre a qual pendem justificadas dúvidas, a avaliar pelas muitas anomalias detectadas nos outros núcleos e na insólita descrição de algumas peças (Araújo, 1989, p. 244).

⁵ Contestando diversas interpretações de antigos egiptólogos acerca das finalidades e funções dos cones funerários, assevera Arne Eggebrecht (1977): "Andere Erklärungen wie Mumienetiketten, Scheinbrote oder Scheinfleischteile für Ernährung des Toten, Grenzmarkierungen der Totenstiftung oder 'cartes de visite' haben nicht überzeugt". Acaba depois o especialista alemão, antigo presidente do CIPEG, por apresentar os cones funerários como símbolos solares, capazes de prodigalizar a luz e a vida ao defunto: "G. [Grabkegel] danach Abbilder der Sonne, die im Vorbeiziehen ins Grab hinein Licht und Leben spenden; Toter selbst durch Namensinschreibung als Sonnenbestandteil im ewigen Kreislauf unsterblich".

Quando em princípios do Império Médio apareceram os primeiros exemplares os cones não tinham qualquer tipo de inscrição, sendo preferentemente feitos em argila castanha ou castanho-avermelhada, em diversos tamanhos cuja média oscilava entre os 30 cm de comprimento e com um diâmetro superior a 10 cm. Eram cravados na parede do túmulo, em duas ou mais fileiras, deixando apenas visível a sua base circular, a qual, a partir de finais da XVII dinastia (em meados do século XVI a.C.), começou a receber inscrições (Eggebrecht, 1977)⁶.

Em vários casos, as inscrições dos cones fazem lembrar outros textos presentes nas paredes dos túmulos ou mesmo nos chauabtis, as estatuetas funerárias mumiformes habitualmente presentes nos espólios funerários, e que também se incluem em vários acervos portugueses: nas colecções egípcias do Museu Nacional de Arqueologia (Araújo, 1989), da Sociedade de Geografia de Lisboa (Carreira; Araújo, 1988) e do Museu de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Ciências do Porto⁷, além de várias colecções privadas⁸. Não sendo embora o caso dos cones do Museu Nacional de Arqueologia, diversos exemplares apresentam a fórmula inicial de oferta designada por *botep-di-nesu* (Gardiner, 1957), isto é, "oferta feita pelo rei", sendo o defunto apresentado como Osíris no princípio do texto e justificado (*maê-kheru*) no final, como amiúde ocorre nos chauabtis.

Os cinco cones funerários da colecção são todos em terracota, e alguns deles apresentam ainda vestígios de pintura a branco. Note-se que o exemplar pertencente a Meri (exposto com o n.º 238), preserva a marca dos dedos do artesão que o fabricou⁹.

Exemplares semelhantes aos cones de Lisboa encontram-se noutras colecções europeias e americanas, além naturalmente do Museu Egípcio do Cairo, onde tais objectos são em número superior. Os nomes dos titulares dos cones funerários do Museu Nacional de Arqueologia constam na obra fundamental sobre esta temática: o *Corpus* de N. de Garis Davies e M. L. Macadam (1959)¹⁰.

⁶ Acrescente-se que, para além dos tradicionais textos com o nome do defunto e os seus títulos, alguns cones apresentam imagens do defunto em pose de orante, imagens de divindades ou a barca solar vogando no céu.

⁷ Quanto ao acervo do Museu de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Ciências do Porto ainda está em fase de estudo, prevendo-se para 1999 a edição de um catálogo.

⁸ Nomeadamente as colecções Assis Ferreira e Miguel Barbosa, já estudadas e com edição prevista para breve: *O núcleo egípcio da colecção Assis Ferreira*. «Cadmo», 4/5, revista do Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa, e *O núcleo egípcio da colecção Miguel Barbosa*, em *Haibor. Estudos de Egiptologia*, 5.

⁹ Sobre a impressão dos dedos do artesão nos cones funerários, documentada num único caso na nossa colecção egípcia mas que se detecta em vários exemplares de outras colecções, ver Arne Eggebrecht (1997).

¹⁰ Aí vêm registados os nomes dos titulares dos cones funerários existentes no Museu Nacional de Arqueologia (*part I: Plates*):

Meri - n.ºs 390 e 400

Djeserka - n.º 559

Amenemheb - n.º 270

Pabasa - n.ºs 468 e 469

Eis os cones funerários, com o respectivo número de colecção e a tradução dos textos hieroglíficos neles contidos¹¹:

E 152 - Cone funerário de Meri (*Mry*)



Proveniente da necrópole tebana de Cheikh Abd el-Gurna, túmulo n.º 95¹².
Reinado de Amen-hotep II, XVIII dinastia (Império Novo).

Comprimento: 24 cm; diâmetro da inscrição: 8 cm.

¹¹ Para uma descrição mais completa dos quatro cones funerários que integram a exposição permanente de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia ver o catálogo de Luís Manuel de Araújo (1993). O cone funerário que se mantém nas reservas, pertencente ao alto funcionário Meri, tem o n.º E 152 (desta mesma personagem expõe-se o cone com o n.º E 153).

¹² Ver H. M. Stewart (1986, p. 53), onde estão registados dois cones de Meri, originários do túmulo n.º 95 de Cheikh Abd el-Gurna; sobre a importância deste alto funcionário do reinado do faraó Amen-hotep II ver Gustave Lefebvre (1929, p. 236 e ver também em Claire Lalouette 1986, p. 408).



Inscrição hieroglífica:

? (...)    
    
    
    
   

Transliteração:

(sd3wty?) bity imy-r hmw-ntr nw Šm^c nw T3-mḥw
 hm-ntr tpy n 'Imn Mry
 imy-r pr n 'Imn imy-r šnwty n 'Imn Mry
 imy-r prwy-ḥd imy-r prwy-nbw n 'Imn Mry
 imy-r iḥw n 'Imn Mry

Tradução:

“(Tesoureiro?) do rei do Baixo Egito, chefe dos sacerdotes do Alto e do Baixo Egito, sumo sacerdote de Amon, Meri. Intendente da casa de Amon, intendente dos celeiros de Amon, Meri. Intendente do tesouro e intendente das casas do ouro (ou da dupla casa do ouro) de Amon, Meri. Intendente do gado de Amon, Meri.”¹³

Observações: O texto hieroglífico em relevo distribui-se por cinco linhas horizontais, com traços divisórios e leitura da esquerda para a direita. O início do texto está ilegível e a segunda linha apresenta a extremidade direita danificada, tendo já desaparecido o determinativo do nome de Meri.

E 153 - Cone funerário de Meri (Mry)



¹³ Para o título de tesoureiro (*sedjauti*), que aparece erodido no início do texto, ver Sir Alan Gardiner (1957, p. 506, signos S 19 e S 20).

Proveniente da necrópole tebana de Cheikh Abd el-Gurna, túmulo n.º 95.
Reinado de Amen-hotep II, XVIII dinastia (Império Novo).
Comprimento: 27,5 cm; diâmetro da inscrição: 8 cm.

Inscrição hieroglífica:



Transliteração:

(sd3wty?) bity imy-r hmw-ntr nw šmꜥw(n)T3-mꜥw
hm-ntr tpy n 'Imn Mry
imy-r pr n 'Imn imy-r šnuty n 'Imn Mry
imy-r prwy-ḥd imy-r prwy-nbw n 'Imn Mry
imy-r ihw n 'Imn Mry

Tradução:

“(Tesoureiro do rei do Baixo Egito, chefe dos sacerdotes do ?) Alto e do Baixo Egito, sumo sacerdote de Amon, Meri. Intendente da casa de Amon, intendente dos celeiros de Amon, Meri. Intendente do tesouro e intendente das casas do ouro (ou da dupla casa do ouro) de Amon, Meri. Intendente do gado de Amon, Meri.”¹⁴.

Observações: O texto hieroglífico em relevo distribui-se por cinco linhas horizontais, com traços divisórios e leitura da esquerda para a direita. O início do texto está ilegível. Vestígios de pintura a branco e vestígios de impressão dos dedos do artesão (polegar, indicador, médio e anular).

¹⁴ O início do texto, que aqui está ilegível, pôde ser reconstituído através da observação de outros exemplares pertencentes a Meri (*Corpus*, 390 e 400).

E 154 - Cone funerário de Djeserka (*Dsr-k3*)

Proveniente da necrópole tebana de Cheikh Abd el-Gurna, túmulo n.º 38 (com o nome de Djeserkaré-seneb ?)¹⁵.

Reinado de Tutmés IV (?), XVIII dinastia (Império Novo).

Comprimento: 15 cm; diâmetro da inscrição: 9 cm.

Inscrição hieroglífica:



¹⁵ Ver Fauvel (1982), com o túmulo n.º 38 indicado no mapa da p. 526 (necrópole de Cheikh Abd el-Gurna, segundo o esquema de orientação de Porter-Moss), referente à zona chamada de "petit enclos". Para o funcionário Djeserka (Djeserkaré-seneb) ver Claire Lalouette (1986, p. 459-460). N.º de catálogo: 239.

Transliteração:

šš ḥsb-it
 n 'Imn
 Dsr-k3

Tradução:

“Escriba, contador do trigo de Amon, Djeserka.”

Observações: O texto hieroglífico em relevo distribui-se por três linhas horizontais, com traços divisórios e leitura da esquerda para a direita. O cone está pintado de branco, incluindo a zona destinada à inscrição, embora em alguns sítios tenha perdido a cor original. Apresenta uma ligeira falha no lado esquerdo do círculo sem no entanto ter atingido qualquer hieróglifo.

E 155 - Cone funerário de Amenemheb ('Imn-m-hb)

Proveniente da necrópole tebana de Cheikh Abd el-Gurna, túmulo n.º 85¹⁶.
 Reinados de Tutmés III e Amen-hotep II, XVIII dinastia (Império Novo).
 Comprimento: 25 cm; diâmetro da inscrição: 5,5 cm.

Inscrição hieroglífica:



Transliteração:

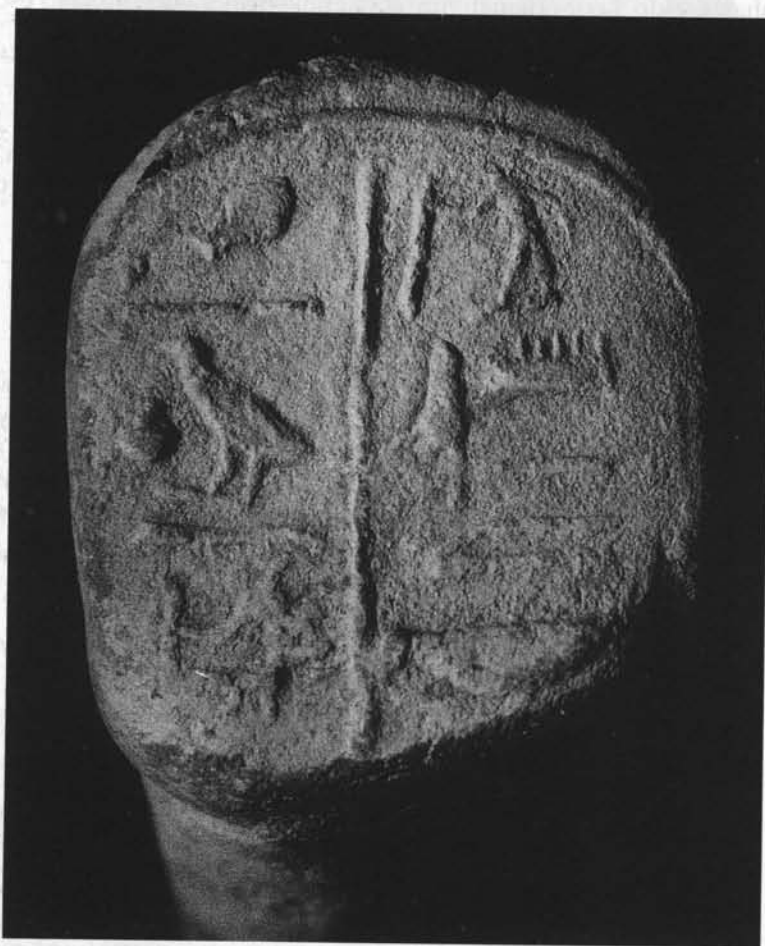
idnw n mšc wr
 'Imn-m-hb

¹⁶ Ver Jean-Jacques Fauvel (1982, p. 533), com o túmulo n.º 85 indicado no mapa da p. 526, situado na zona chamada de “grand enclos” (ver nota anterior); também em H. M. Stewart (1986, p. 26) onde se traduz o título militar de Amenemheb por “lieutenant-commander of the army”. Para o comandante Amenemheb ver Claire Lalouette (1986, p. 294-296 e 336-338). N.º de catálogo: 237.

Tradução:

“Delegado principal (ou lugar-tenente principal) do exército, Amenemheb.”

Observações: É o único texto hieroglífico da colecção que se apresenta na posição vertical, com duas linhas e um traço divisório ao alto, inscrito numa base ligeiramente quadrangular. O hieróglifo referente a “exército” (*mechâ*) está deteriorado, embora se perceba o seu significado pelo contexto da frase (reproduz-se o signo hieroglífico com uma personagem em pé, com o arco, se bem que por vezes a figura apareça de joelhos). O prolongamento cónico tem arestas imperfeitas.



E 156 - Cone funerário de Pabasa (P3-b3-s3)



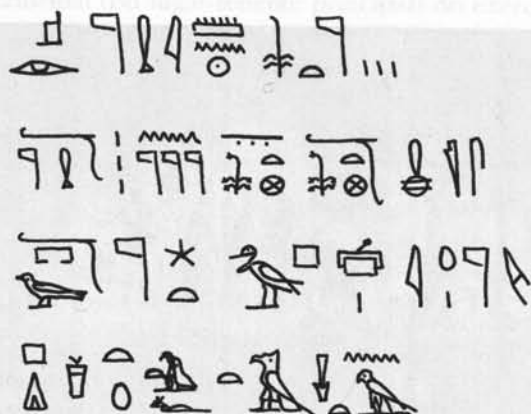
Proveniente da necrópole tebana de Assassif, túmulo n.º 279¹⁷.

Reinado de Psametek I, XXVI dinastia (Época Baixa).

Comprimento: 21 cm; diâmetro da inscrição: 9 cm.

¹⁷ Túmulo referido Fauvel (1982, p. 521), com a situação assinalada no mapa da p. 522 (necrópole de Assassif, entre as zonas de Deir el-Bahari e Cheikh Abd el-Gurna, segundo o esquema de orientação de Porter-Moss). A casa de eternidade preparada para o alto funcionário Pabasa é um grande e belo túmulo, com acesso através de uma longa escadaria, onde os textos estão gravados em elegantes signos hieroglíficos e as personagens representadas nas paredes revelam um pendor arcaizante no seu desenho, como é típico da arte produzida durante a XXVI dinastia saíta (Stewart, 1986, p. 63). N.º de catálogo: 240.

Inscrição hieroglífica:



Transliteração:

Wsir hm-ntr (n) 'Imn-R' nsu-ntrw
imy-r hmw-ntr n ntrw n T3-Sm't
imy-r T3-Sm't
imy-r pr-ur (n) dw3t-ntr P3-b3-s3
s3 (n) mry-ntr P3-di-B3stt
mut. f T3-snt-Hr

Tradução:

“Osíris, sacerdote de Amon-Ré, rei dos deuses, chefe dos sacerdotes dos deuses do Alto Egito, superintendente da totalidade do Alto Egito (ou de todo o Alto Egito), grande mordomo do palácio da divina adoradora, Pabasa, filho do amado do deus, Padibastet. A sua mãe foi Tasenethor.”

Observações: O texto hieroglífico em relevo distribui-se por quatro linhas horizontais, com traços divisórios e leitura da direita para esquerda. A terceira e quarta linhas estão deterioradas, nomeadamente o título de grande mordomo do palácio (*imy-r pr ur*) e o nome do pai, Padibastet, os quais foram restituídos ao texto através da observação de outros exemplares.

Bibliografia

- ARAÚJO, L. M. de (1989) - *A coleção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. «O Arqueólogo Português». Lisboa. S. IV, 5, p. 241-257.
- ARAÚJO, L. M. de (1989) - *Chauabti do Museu Nacional de Arqueologia*. «Revista da Faculdade de Letras». Lisboa. 5.ª série, 12, p. 59-72.
- ARAÚJO, L. M. de (1990) - *As Múmias de Eça*. In «Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos. Eça e os Maias, Porto». Porto: Edições Asa, p. 23-29.
- ARAÚJO, L. M. de (1993) - *Antiguidades egípcias*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. 1.º vol., p. 325-335. Catálogo.
- CARREIRA, J. N.; ARAÚJO, L. M. de (1988) - *Chauabti da Sociedade de Geografia de Lisboa*. «Revista da Faculdade de Letras». Lisboa. 5.ª série, 10.
- DAVID, R. (1980) - *The Macclesfield Collection of egyptian antiquities*. Warminster: Aris & Phillips, apêndice (Plates). (Exemplos de textos com diferentes modalidades gráficas).
- DAVIES, N. de G.; MACADAM, M. L. (1957) - *A corpus of inscribed egyptian funerary cones*. Oxford: Griffith Institute, Oxford University Press.
- DICIONÁRIO Ilustrado da História de Portugal. Lisboa: Publicações Alfa, 1985. vol. II.
- EGGEBRECHT, A. (1977) - *Grabkegel*. In HELCK, W.; WESTENDORF, W.-H., eds. - «Lexikon der Ägyptologie». Wiesbaden: Otto Harrassowitz. vol. 2, col. 858-859.
- FAUVEL, J.-J. [et al.] (1982) - *Égypte, le Nil égyptien et soudanais du Delta à Khartoum*. Paris: Hachette, p. 527. (Les Guides Bleus).
- GARDINER, A. (1957) - *Egyptian grammar, being an introduction to the study of hieroglyphs*. 3.ª ed. rev. Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, p. 170-173. (Excursus B: The Formula of Offering employed in the Funerary Cult).
- LALOUETTE, C. (1986) - *Tbêbes, ou la naissance d'un Empire*. Paris: Librairie Arthème Fayard, p. 408; 459-460; 294-296; 336-338.
- LEFEBVRE, G. (1929) - *Histoire des Grands Prêtres d'Amon de Karnak jusqu'à la XXle dynastie*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, p. 236.
- SEIPEL, W. (1989) - *Ägypten: götter, gräber und die kunst. 4000 jahre jenseitsglaube*. Linz: Landesmuseum, p. 140. Katalog zur Ausstellung, Schlossmuseum Linz, OO. (Cones funerários do arquitecto Amen-hotep, filho de Hapu, XVIII dinastia, com inscrições hieroglíficas na vertical).
- STEWART, H. M. (1986) - *Mummy-cases and inscribed funerary cones in the Petrie Collection*. Warminster: Aris & Phillips, p. 26; 63.
- TEIXEIRA, M. B. (1985) - *Os primeiros museus criados em Portugal*. «Bibliotecas, Arquivos e Museus». Lisboa. 1 (1), Jan.-Jun., p. 185-240.
- TEIXEIRA, M. B. (1988) - *Museu Nacional do Traje - Parque do Monteiro-Mor*. «ICALP Revista». Lisboa. 12-13, Jul.-Set., p. 140-145.

